

Os saxofonistas do Axé Music: Trajetória profissional e artística

Comunicação

Autor: Franklin José Barreto de Araújo
E-mail: franklin_sax@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho buscou compreender a trajetória artística e profissional dos saxofonistas que participaram do Axé Music de modo a revelar como se deu seu percurso dentro do gênero musical, tendo em vista suas aspirações com a música. Através de entrevistas semiestruturada foram encontrados quarenta e um músicos, sendo que quarenta participaram. Deles foram colhidas informações que revelaram resultados semelhantes sobre anseios pessoais e profissionais. As perguntas de natureza econômica e sobre suas realizações tiveram como principal fator a personalidade humana, uma vez que o que se fez satisfatório para um, não ser para outro, mesmo tendo condições melhores de trabalho.

Palavras-chave: Saxofone; Axé Music; Carreira artística

Introdução

Esta pesquisa objetivou conhecer a trajetória dos saxofonistas que encontraram na capital baiana uma forma de prosseguir suas vidas visando melhores oportunidades, seja em busca de educação no segmento musical ou na performance com artistas dentro do Axé Music. A justificativa para este trabalho se dá na falta de material bibliográfico que traga o músico como um ser social com anseios pessoais e profissionais dentro de um seguimento musical de sucesso do qual ele iniciou e finalizou sua trajetória além do pesquisador ser uma das figuras que teve ativa participação dentro deste seguimento. Dito isto, fizemos perguntas de diferentes naturezas trazendo questões como: contexto social de aprendizagem, tipo de formação musical, anseios e motivações pessoais e profissionais. Além de sua visão de carreira num cenário pós pandêmico. A pesquisa teve abordagem quantitativa e o procedimento da análise adotada foi o *Surveys*, uma vez que leva em consideração questões sociais, econômicas e o contato direto com os entrevistados. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada tendo como recorte temporal o período entre 1985 a 2022 na cidade Salvador-BA.

Encontramos um total de 41 saxofonistas, sendo 40 entrevistados por um músico vir a óbito um dia antes da gravação. Os resultados demonstraram um perfil de trabalhador/músico com anseios semelhante as outras áreas - crescimento na capital - porém, demonstrado interesse e habilidades técnicas musicais já na infância e adolescência. Esse trabalho constatou que o fomento do ensino de música de fácil acesso foi fundamental, sendo as filarmônicas um importante lugar de início e a Universidade Federal da Bahia um local quase unânime para a profissionalização. No que diz respeito a execução, personalidade musical, pagamentos, satisfação e visão de carreira pós pandemia as respostas tiveram como um fator decisivo a singularidade humana, uma vez que o que se fez satisfatório para um, não o fez para outros, inclusive por não haver uma tabela de valores de recebimento que servisse como base, sendo um alerta de insatisfação o modo de vida discrepante dos empresários ser diferentes dos músicos.

Critérios de escolhas e natureza das entrevistas

Como critério de escolha dos saxofonistas trouxemos os que participaram ativamente da construção do gênero musical. Para tal, foram levados em considerações trabalhos com destaques culturais, apresentações televisivas, participações em álbuns - CDs e DVDs e também arranjos. Tendo como recorte temporal os anos de 1985 a 2022.

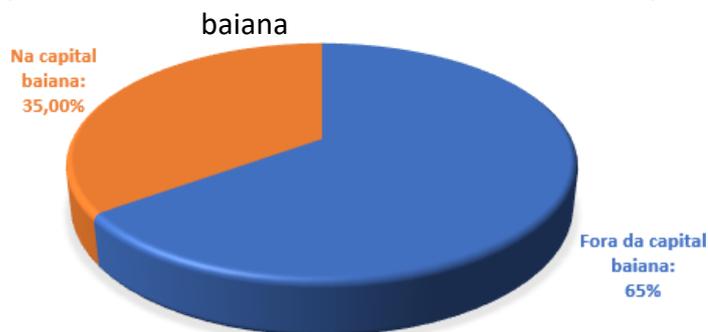
No intuito de enriquecer ainda mais este trabalho dos 40 saxofonistas selecionamos 18 nomes que tiveram extrema importância para o gênero musical e colhemos os dados em vídeo que se encontra disponível no YouTube. (ARAÚJO, Franklin) Os saxofonistas do Axé Music: Trajetória profissional e artística. 2022. 1 vídeo (07:26:31). Disponível em: [Os saxofonistas do Axé Music: Trajetória profissional e artística - FRANKLIN ARAÚJO](#). Acesso em: 03 set. 2022. De mesmo modo, também foram acrescentados de textos aos gráficos de modo a revelar um olhar qualitativo dos quais apenas os números não os traduziriam.

Onde e quando começou a estudar música

Sessenta e cinco por cento vieram de fora da capital baiana, interiores, outras capitais do Brasil e um músico vindo do Chile. Trinta e cinco por cento já residiam em Salvador, como mostrada no gráfico 1.



Gráfico 1: Dados percentuais de músicos de dentro e de fora da capital baiana

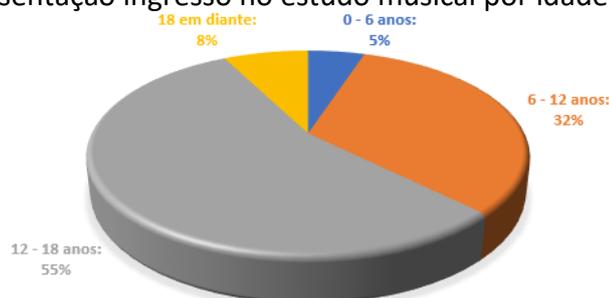


Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

Contato com a música por faixa de idade

Por conter respostas abertas, neste ponto, essa entrevista trouxe informações relevantes para este trabalho. Todos os músicos abaixo dos treze anos não tiveram o saxofone como o seu primeiro instrumento, sendo a flauta doce, flauta transversal, clarineta, violão, teclado, tambor, iniciação musical e guitarra os primeiros contatos com a música. Apenas dois músicos iniciaram antes dos seis anos, dez músicos antes dos doze anos, vinte e três músicos antes dos dezessete anos, e apenas três músicos já na fase adulta, após os dezoito anos. Apenas dois iniciaram antes dos seis anos e trinta e oito após os seis anos, como mostrado na fig. 2.

Gráfico 2: Representação ingresso no estudo musical por idade



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

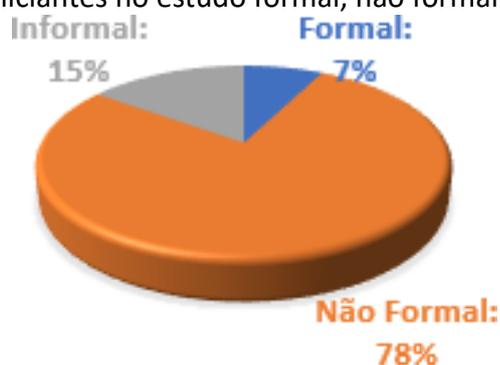
Contato com a música por faixa de idade e tipo de formação inicial musical: natureza paga, gratuita, filarmônica ou outros?

Existem relevantes discussões acerca dos espaços de ensino musical serem ou não

considerados formais, informais etc. (Wille, 2005, pág. 39-40.) Todavia, esse trabalho traz como ensino formal: aquela que ocorre nos sistemas de ensinos tradicionais com espaços de ensino hierarquia e organizada pelas diretrizes educacionais; não formal os que acontecem fora dos sistemas de ensino que não são arregimentados pelo estado, como: filarmônica, fanfarras e ONGs; e a informal ou incidental que são aquelas que ocorrem ao longo da vida junto à comunidade e seus pares.¹

Dito isso, de modo formal foram encontrados apenas três músicos, não formal trinta e um e informal seis pessoas, como mostrado no gráfico 3. Vinte e sete músicos vieram de escolas de caráter filantrópico e dentro deste formato preponderantemente as filarmônicas. Oito pessoas advindo de escolas de música pública e três de escolas privadas, como mostrado no gráfico 4. Durante a pesquisa percebemos que aparentemente as únicas instituições disponíveis de forma mais “profissional” para quem buscava qualificação na região de Salvador nos anos oitenta e noventa - início do Axé Music - eram a AMA do falecido professor Sérgio Souto e o curso preparatório da escola de música da UFBA (UFBA, 2014), que existe até hoje conhecida como Curso de extensão em música da UFBA².

Gráfico 3: Percentual de iniciantes no estudo formal, não formal e informal



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

¹ BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**.

² <http://www.escolademusica.ufba.br/conheca-os-cursos-livres-da-emus>

Gráfico 4: Percentual de uso de instituições públicas, privadas e filantrópicas.

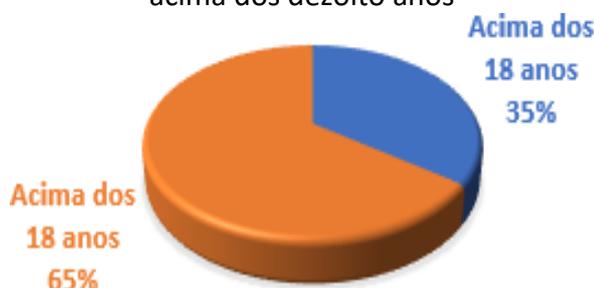


Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

Idade que começou a tocar profissionalmente

Este trabalho constatou que quatorze músicos começaram seus trabalhos acima da maioridade e vinte e seis abaixo da maioridade, como demonstra a gráfico 5.

Gráfico 5 – Quadro demonstrando os músicos que começaram abaixo dos dezoito anos e acima dos dezoito anos



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

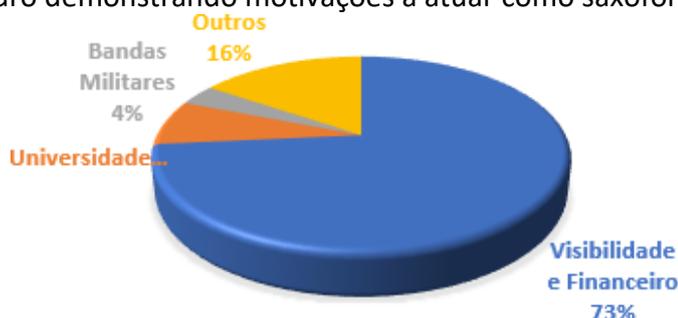
Motivação a atuar como saxofonista em Salvador

Apesar do mercado soteropolitano parecer bastante atrativo, outros saxofonistas chegaram à capital baiana em busca não de tocar na Axé Music, mas sim, de outras formas de ganhos. Em busca de visibilidade e retorno financeiro achamos vinte e oito músicos, visando unicamente a universidade achamos três músicos, em busca de bandas militares apenas um músico. E na categoria **outros**, por ser dados bastante fragmentados, encontramos seis músicos, como demonstra a gráfico 6.

Dentre esses “outros” um caso em especial foi a da saxofonista Jujuba Salete. Jujuba diz ter buscado sua força de vontade em prosseguir com o sax na tentativa de mostrar para

o universo masculino que ela era capaz de conseguir subir num trio elétrico fazendo música com um sax. Quando todos a aconselhavam a tocar flauta por parecer mais fácil, ela panfletou nas ruas e no sol quente de Salvador no período de um ano para comprar seu primeiro instrumento. E conseguiu. A musicista tocava na banda As Meninas que teve projeção internacional e deste modo percorreu diversos países e fez os maiores programas de televisão do Brasil e alguns do mundo.

Gráfico 6 – quadro demonstrando motivações a atuar como saxofonista em salvador

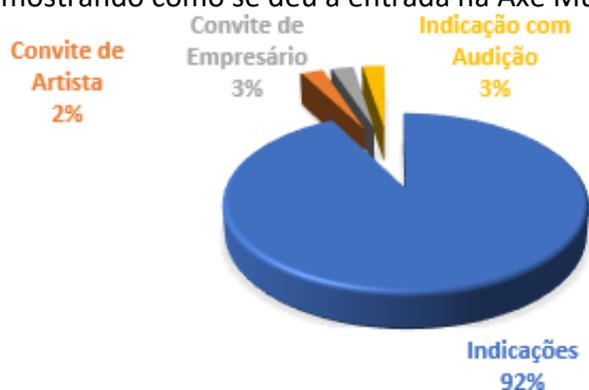


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Como chegou ao mercado de trabalho da Axé Music.

No setor musical, o perfil de acesso a trabalhos musicais que mais prevaleceu foi o da indicação, como demonstra a gráfico 7. O músico Paulinho Andrade foi o único que teve sua entrada na Axé Music a convite do próprio artista, neste caso, o cantor Luiz Caldas. A saxofonista Jujuba Salete foi a única convidada por um empresário. O empresário estava montando uma banda apenas com mulheres e soube pela própria musicista Jujuba Salete que ela estava tocando saxofone, e assim se deu sua entrada na banda As Meninas.

Gráfico 7 – Quadro mostrando como se deu a entrada na Axé Music



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Interesses ou desinteresses em ter feito um curso superior em música

Este trabalho observou que nos dois casos existiram fatores que merecem ser observados. No caso dos interessados, apesar de demonstrarem interesse no curso, nem sempre na história pessoal se deu deste modo. Em relatos dos músicos, de modo geral, foi-se construindo uma imagem positiva da escola de música da UFBA através de músicos que imagneticamente as representavam e que eram sinônimos de excelência no tocar, tais como o atual professor Rowney Scott e André Becker, e assim o despertou o interesse na universidade. Rowney Scott e André Becker foram alunos e professores da UFBA e grandes figuras divulgadoras do músico de excelência pelo viés universitário.

Em alguns casos outros demonstraram interesse, mas preferiram seguir na universidade em outras áreas. Um caso bastante recorrente é do músico Tercio Guimarães. Ele relata que em seu caso houve uma perda de gradativa de interesse, pois os conteúdos ensinados eram separados, o que não fazia muito sentido para ele uma vez que a música é conteúdo que deveria ser ensinado em conjunto e não de forma tão fragmentada.

Alguns músicos perderam o interesse pelo choque constante com os trabalhos que os mantinham financeiramente na cidade de Salvador, chegando em dado momento ser necessário fazer a fatídica escolha entre continuar no trabalho ou na carreira universitária, logo então, sendo impossível continuar na Universidade por questões de subsistência.

Gráfico 8 – Quadro demonstrando interesse e desinteresse em curso superior em música

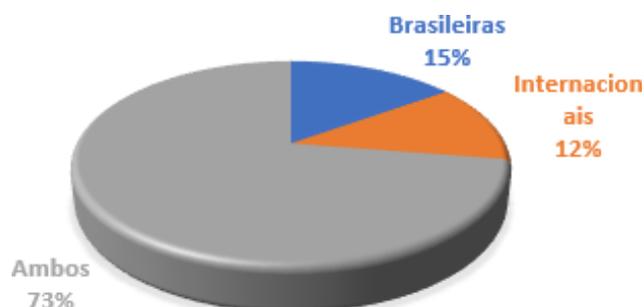


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Nacionalidades das Influências musicais

Seis músicos demonstraram ter suas influências unicamente em músicos nacionais brasileiros. Cinco músicos relataram ter suas influências unicamente em músicos internacionais, em exclusivo, saxofonistas norte-americanos. E vinte e nove relatam ser influenciados por músicos brasileiros e internacionais, como demonstra a gráfico 9.

Gráfico 9 – quadro mostrando interesse de músicos por nacionalidade



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

A sua atuação no mercado da Axé Music teve alguma influência no seu estilo como saxofonista? Ela interferiu ou determinou alguma mudança na sua maneira de tocar saxofone?

Os músicos disseram que, pelo caráter sonoro da Axé Music em ter muita percussão, logo então uma massa sonora muito grande, os mesmos precisaram se adaptar para construir um som com maior potência sonora, usando boquilhas mais abertas e palhetas mais duras, além de soprar mais forte. Características esses semelhantes as dos músicos

“Pops” que buscam ser mais “agressivos” em seu som. De certo modo, os dados dos músicos que “não mudaram seu som”, corroboram para tal afirmativa por esses já considerarem ter seu som mais “agressivo”, que era em certa medida exigida pelo Axé Music, pelo seu caráter sonoro mais potente.

Gráfico 10 – Quadro mostrando músicos que mudaram sua maneira de tocar na Axé Music



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Em termos de estilo, como você se definiria como saxofonista?

Trinta e três músicos se consideram na categoria **popular**. Apenas um se considera puramente **erudito**, quatro músicos se consideram **sem definição** e dois músicos se consideram transitar pelo **popular e erudito**, como demonstra a gráfico 11.

Gráfico 11 – quatro mostrando como o saxofonista da Axé Music se enquadra como estilo musical



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022



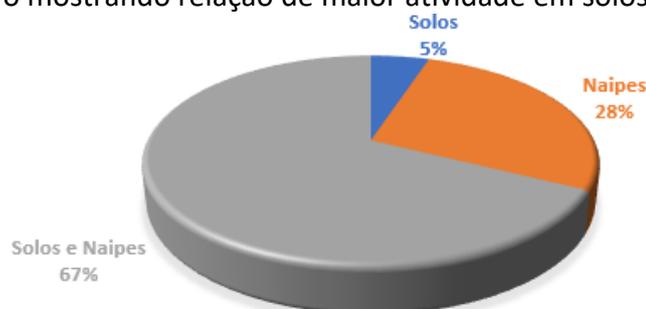
Nas participações em gravações na Axé Music, sua atuação foi mais como solista ou Naipes? Solos improvisados ou arranjados previamente?

Apenas um músico em sua relação com o Axé Music teve mais solos de saxofone do que naipes de sopro. O músico Tony Alves diz que isso se deu, pois, no tempo de sua atuação nos anos oitenta não tinha naipes de sopro nas gravações, quando o produtor queria mais massa sonora o saxofone dobrava os solos com algum timbre mais expressivo vindo do teclado. Onze músicos gravaram apenas naipes de sopro e vinte e sete músicos tiveram a oportunidade de gravar solos e naipes de sopro, como mostrado no gráfico 12. A configuração dos naipes de sopro da Axé Music que mais prevaleceu foi Saxofone Tenor, Trombone e trompete. Em variadas gravações se acrescentavam um sax alto.

O caso mais peculiar que houve foi a do Saxofonista e flautista Rayner Kruppe. Rayner adicionou um flautim a configuração de naipes de sopro citado acima, fazendo desta característica sonora uma das marcas principais da banda Timbalada.

Nas produções desses solos, dois entrevistados o faziam de modo improvisado dentro do estúdio sem preparo prévio. Dois músicos apenas arranjado previamente e trinta e seis músicos se deparam com as duas situações, como mostra a gráfico 13.

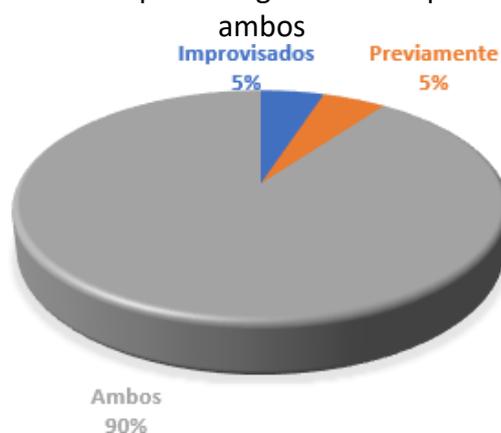
Gráfico 12 – Quadro mostrando relação de maior atividade em solos de naipes de sopro



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.



Gráfico 13. Quadro mostrando em porcentagem solos improvisados, feito previamente e

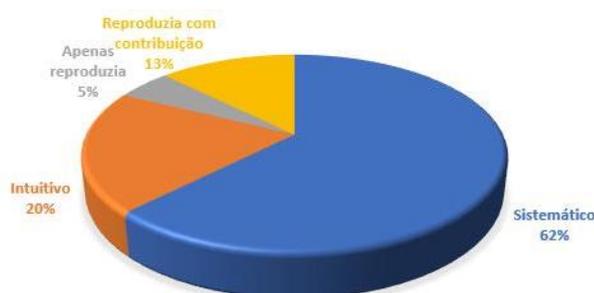


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Como se dava o processo composicional dos solos

De modo sistemático, vinte e cinco músicos criavam seus solos. Aqui trazemos o termo sistemático como um modo de tratar a construção de seus solos de maneira mais sistêmica, pensado, debruçado sobre. Oito músicos faziam seus solos de forma mais intuitiva, apenas pegava o tom e por intuição ia criando uma melodia que era aprovada pelo conjunto e assim era gravado. Duas pessoas apenas reproduziam o que era pedido e cinco músico reproduziam, como mostrado no gráfico 14. Todos sempre colaborando e interagindo com o resultado da produção.

Gráfico 14 - Quadro mostrando a relação de criação de solos com a produção musical que participava



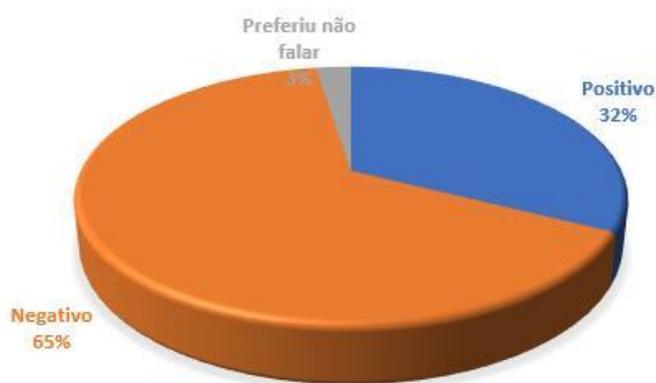
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Você considera que o retorno financeiro que obteve durante o período de atuação no Axé Music foi condizente com a sua contribuição artística?

Uma das perguntas que mais geraram mais reflexões e informações nesta pesquisa. Treze pessoas acharam positivo o retorno que obteve, todavia, essa positiva se deu de modo metafórico e pessoal. Alguns trataram “o retorno” como a oportunidade de conhecer artistas, conhecer lugares ao redor do mundo, gravar programas de televisão e afins. Em alguns casos músicos que recebiam próximo a um salário de cache se sentiam valorizados, enquanto outros que recebiam quase seis salários de cache não achavam justo, mesmo assim continuavam por amor a música.

Financeiramente falando, o saxofonista Daniel Bento trouxe que nos anos de mil novecentos e noventa, momento este que coincide com o ápice da Axé Music, os valores que os artistas pagavam eram significativos e estavam em pé de igualdade com outras profissões tida como bem-sucedidas pela sociedade, como advogados, médicos e outros. Bandas chegavam a pagar quase nove vezes mais que um salário mínimo da época em apenas um show. Como resposta negativa, esta pesquisa averiguou um total de vinte e seis músicos que demonstraram insatisfação no retorno financeiro. Um músico preferiu não falar, como mostra a gráfico 15.

Gráfico 15 – quadro com amostra sobre o retorno financeiro do músico na Axé Music



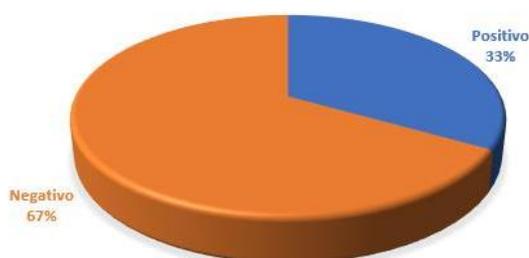
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022



No período de sua atuação a sua remuneração era suficiente para cobrir as suas despesas mensais ou você precisava realizar outros trabalhos para cobri-la

Alguns músicos demonstraram conseguir se manter com os valores ganhos com a música, mas não exclusivamente tocando em bandas de Axé Music. Alguns buscavam em aulas, tocar em bares e eventos para se sustentar no início da carreira, mesmo já trabalhando com artistas da Axé Music, a maioria diz não ser possível, como mostra a gráfico 16.

Gráfico 16 – quadro mostrando se valores de recebimentos na Axé Music eram o suficiente para se manter no início da carreira

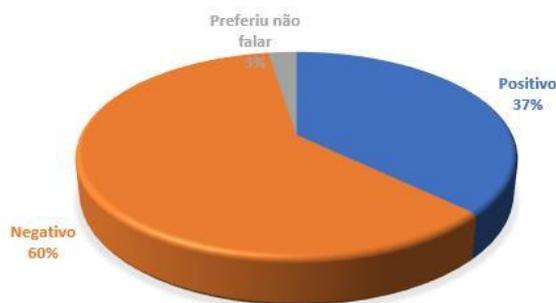


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Você se sente contemplado financeiramente diante dos valores que sua obra contribuiu para o movimento da Axé Music?

Quinze músicos dizem que sim, uma vez que a partir do Axé Music conseguiu ter experiências que comumente não o teriam. Vinte e quatro dizem ser negativo, mas, que poderia ter sido muito melhor e baseiam sua resposta no modelo de vida que os empresários levam, sendo esta muito distante das dos músicos que criaram o produto. Um músico preferiu não falar, como demonstra a gráfico 17.

Gráfico 17 – Quadro que demonstra sensação sobre sua colaboração e o retorno financeiro obtido

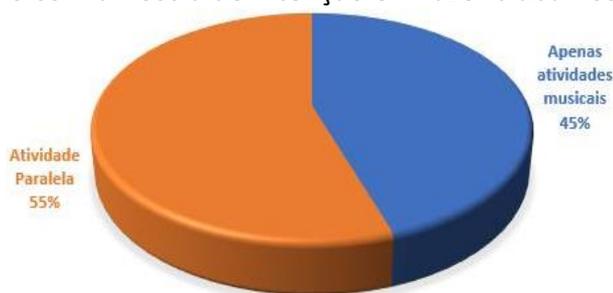


Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Com a maturidade de hoje você dedicaria 100% do seu tempo ao tocar saxofone ou desenvolveria alguma outra atividade financeira paralela, sobretudo num cenário pós pandemia.

Dezoito músicos apoiam apenas atividades musicais, todavia não apenas tocando saxofone, e sim, buscando outras formas de monetizar seus talentos dentro da música, a exemplo de: eventos, aulas, editais do governo, arranjos e gravações. Vinte e dois músicos dizem apoiar ou já possuir alguma atividade paralela à música. A gráfico 18 mostra em porcentagem a intenção dos músicos em desenvolver trabalhos paralelos ou apenas música.

Gráfico 18 – Quadro com amostra de intenção em fazer trabalhos **paralelos** a música



Fonte: Elaborada pelo autor, 2022

Conclusão

Podemos constatar que a matéria-prima para as tomadas de decisões, bem como suas experiências positivas ou negativas em sua carreira dentro do gênero musical,

consideraram questões que conduzem para o princípio da singularidade humana, sendo ela uma equação que tem como fatores: idade, contexto social, perspectiva de vida e anseios pessoais. Músicos que recebiam mais de cinco, seis e até sete salários de cachê se sentiam menos contemplados financeiramente do que outros que recebiam às vezes menos de um salário de cachê - princípio da singularidade humana. Outros, apenas o fato de viajar e conhecer novos lugares, para si, já o configurava, mesmo que “mentalmente”, parte do seu pagamento.

Foram observados que questões críticas relacionadas a sua subsistência apenas foram cogitadas quando os músicos foram se aproximando, ou já estando, na meia-idade. Despertar este que se deu ao observar o modo de vida desproporcional dos quais os artistas e empresários viviam/vivem, não compartilhando deste mesmo modo de vida o próprio músico sendo ele uma peça importante que ajudara a construir riquezas. Os músicos ressaltaram que a falta de educação financeira e gestão de carreira musical foram fatores significativos para um pensamento mais maduro a longo prazo. Algo que é não é/era falado na área da música, mas, que sempre foi muito falado em outros ramos, principalmente no meio empresarial. Alguns que observaram com tal preocupação esta prática, buscaram na educação universitária - ainda dentro da música - uma maneira de manter seu sustento. Alguns atuando como professor ou então indo trabalhar com eventos, alguns aos poucos foram parando de tocar e apenas realizando eventos pontuais e assim dividindo seu tempo com outros afazeres que julgaram ser mais lucrativos no atual momento da vida.

Este trabalho também revelou o quão significativo é frutífero se fazem os fomentos. Trago aqui, para este trabalho, tais observações, principalmente, nas figuras das Filarmônicas, UFBA - Klaus Haefele, UFBA - Rowney Scott, AMA - Sérgio Souto e também o “despretensioso” solo de saxofone feito por Paulinho Andrade na música Alô Paixão. Os números revelaram que uma quantidade expressiva de saxofonistas que atuaram na Axé Music no início dos anos dois mil vieram de alguma Filarmônica de fora de Salvador. Muitos deles miravam a UFBA como um propício e excelente lugar para aprimorar/frequentar em paralelo aos trabalhos em Salvador. Em anos anteriores, para quem já residia na capital baiana nos anos oitenta, as únicas opções eram a AMA e a UFBA. Na UFBA, com um perfil mais erudito, os estudos ainda se davam de modo embrionário pelo professor e clarinetista



Klaus Haefele, uma vez que a “a falta de material didático, bibliográfico [...] estruturação do plano de curso, em termos de bibliografia, conteúdo programático, atividades e definição de um perfil artístico” ainda não se encontrava pronto na Universidade. Scott Júnior, Rowney Archibald. 2007, pág. 193.

O professor mesmo sendo clarinetista e com carência de métodos específicos para saxofone, lecionou por alguns anos no curso de saxofone e por ele passaram alunos de grande importância para o movimento da Axé Music. Apesar do curso de saxofone existir desde 1983, apenas em 2004 a UFBA abriu uma vaga para professor efetivo com um especialista no instrumento, sendo ele o professor Rowney Archibald Scott Junior, iniciando assim uma certa popularização e aumento de interesse do público, uma vez que este professor perpassa com excelência tanto nas práticas eruditas condizentes com o programa da Universidade, quanto com as necessidades musicais esperadas pelo popular, comumente chamado na meio soteropolitano de “música de rua”.

Por outro lado, existia a AMA. Para quem não floresceu o interesse na UFBA nos anos oitenta e início dos anos dois mil, lá se fez um lugar de interesse do músico estritamente popular. **A Academia de Música Popular**, como chamado, abrigou músicos talentosos que buscavam práticas estritamente populares que eram consideradas mais condizente com o cenário musical em formação da época. E por fim, um solo que demonstrou nas entrevistas e também na pesquisa ser valioso para a Axé Music. O solo de Paulinho Andrade, para alguns, foi um convite a tentar a vida na capital baiana e também a iniciar os estudos neste instrumento. Apesar de já ter tido aparições relevantes no cenário, o solo de sax alto de Alô Paixão em 1994, popularizou e foi relatado na pesquisa como um impulsionador do saxofone, trazendo para Bahia músicos de outros lugares e influenciado músicos a iniciar neste instrumento.

De certo modo, para muitos, o prazeroso universo musical proporcionado pela Axé Music e o fato de viver da arte, em dado momento, já se faziam unicamente o suficiente. Sendo a alegria de se fazer música, para muitos, o maior pagamento, mesmo convivendo com o incomodo de não compartilhar as riquezas que sua arte produziu.



Referências

ARAÚJO, Franklin José Barreto. *Os saxofonistas do Axé Music: Trajetória profissional e artística*. Produzido e dirigido por Franklin José Barreto de Araújo, 2023. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BBaP6lkedu4> > Acesso em: 03 de agosto de 2023.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de diretrizes e bases da Educação*.

SCOTT JÚNIOR, Rowney Archibald. *A música brasileira nos cursos de bacharelado em saxofone no Brasil*. 2007.

TEATRO CASTRO ALVES. *Nota de Pesar*. Disponível em: < <http://www.tca.ba.gov.br/oteatro/noticias/nota-de-pesar-12> > . Acesso em: 03 de agosto de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Conheça os cursos livres da EMUS*. Disponível em < <http://www.escolademusica.ufba.br/conheca-os-cursos-livres-da-emus> >. 03 de agosto de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *UFBA lamenta falecimento do professor Sergio Souto, 01/09/2014*. Disponível em < https://www.ufba.br/ufba_em_pauta/ufba-lamenta-falecimento-do-professor-s%C3%A9rgio-souto >. Acesso em: 03 de agosto de 2023.

WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 39-48, set. 2005.

